

William Faulkner

por JOSÉ CARDOSO PIRES

A Maria José, a Maria João, ou a Bébé, uma delas, tem uma boneca negra. É uma boneca enorme de grandes olhos, desengonçada e em tudo igual às outras que há lá por casa. Se bem me recordo, vi-a pela primeira vez nos braços da Bébé.

Foi isso — a Bébé é que ma mostrou pela primeira vez. Estávamos, eu e o pai, a conversar na sala quando ela me veio pôr a boneca negra nos joelhos. Assim mesmo, com aquele encantamento sereno e inexplicado das crianças, pousou-ma sobre os joelhos e ficou-se a olhar-me em silêncio.

O meu amigo não prestou atenção ao facto. Estávamos a beber e a conversar e eu perguntei-lhe:

«Ouve uma coisa. As miúdas gostam dela?»

«Dela, do quê?»

«Desta, da boneca preta».

«O mesmo que das outras, acho eu. A não ser a Bébé. Talvez ela goste mais dessa que dos outros bonecos».

Passámos adiante. Ambos sabíamos o que ficara por dizer e onde poderíamos chegar sobre o caso da boneca negra. Agora recordo-o aqui, falando de Faulkner, e o que incidentes desta ordem podem representar como prevenção e contacto inicial no conhecimento de uma criança.

Esta pelo menos sabe que há também bonecas negras, tão dóceis e finas no trato como as outras, e que não servem apenas para fazer de ama-seca nem de bagageiro, como é uso corrente.

Para nós, portugueses do continente isto dos problemas raciais é geralmente encarado como um assunto nacional de diminuto interesse. Mas a quem um dia, em 1945, abandonou a África do Sul toda salpicada de letreiros *Europeans Only* e de multas para impedimento de mistura de raças, leis como o *Immortality Act* ou o *Mixed Marriage Act*, a inexistência de diferenciação rática do nosso país afigurar-se-á numa tenebrosa ironia.

«Ora, homem» atirou-me, já a bordo, um funcionário administrativo «isso não passa de romantismo e de inexperiência». Para ele o facto era de puro sentimentalismo, romantismo e não sei mais quê. Recordo-me que dis-

cutimos e que, de um momento para o outro os argumentos dele eram os mesmos de qualquer *tenant farmer* de Faulkner ou de Caldwell.

Disto me ficou sobretudo a lição de que um *Strange Fruit* não é elemento exclusivo de uma paisagem do Mississipi.

Evidentemente que entre nós tudo isto apresenta uma importância de pormenor ou de mero defeito de educação. Mas não tentemos aprofundar o significado de certos «flagrantes da vida cotidiana», para utilizar a linguagem do *Reader's Digest*, como, por exemplo, aquelas frases gaiatas das nossas costureirinhas de «um gosto que ali vai um marreco» ou «que azar, já hoje vi um preto»: Na melhor das hipóteses, atitudes destas representam, vá lá, um conceito supersticioso de fatalidade física...

Muito mais perigosa é ainda a opinião de certos indivíduos do domínio público que atribuem à literatura norte-americana a culpa de nos trazerem ao conhecimento problemas que nos são estranhos e incompreensíveis.

A esses é forçosamente exótica a crueldade *irreal* das situações dos personagens de Faulkner, e vá de lhe chamar freudiano, ou sectário e anárquico. No fundo eles estão tentando convencer-se e fazem disso arma de combate, de que o *Father Divine* é um exemplo representativo da incultura, da superstição do negro.

I

Perante Faulkner, torna-se necessário ao leitor desprevenido desenvolver um esforço no sentido de localizar a acção, esforço tanto maior quanto mais fortes e flagrantes são as contradições ambientes.

Por isso a razão de ser desta primeira parte; por isso também aquelas palavras com que Victor Palla abre o seu prefácio à colectânea de contos de William Faulkner (1):

«Por uma daquelas ironias que teriam divertido o próprio Faulkner, a Europa, que só agora começa a conhecer a América, acreditou que a Guerra Civil Americana resolvera o problema dos Estados do Sul».

Na verdade, o problema rático dos E. U. subsiste ainda sem melhoria apreciável, não obstante a experiência de duas guerras mundiais em que este país desempenhou tão relevante papel. Persistem ainda as crenças selváticas, os rituais medievais do tipo da Klux-Klan e tudo isto e as características psicológicas inerentes, criam situações que se nos revelam misteriosas e estranhas.

No condado de Yoknapatawpha, no reinado mítico de Faulkner, a natureza é estranha e carregada, as árvores seculares, os carvalhos e as alfarrobei-

(1) In *Faulkner*, «Antologia do Conto Moderno», Atlântida Ed., pag. VII.

ras, e até os pântanos fumegantes das vizinhanças do Mississipi. Ali se deram as tragédias de todos esses ciclos de famílias, os Compson e os McCaslins, a dinastia dos Sartoris, a clã dos Snopes; por tudo e de toda a maneira, se vão eles desagregando, agarrados a uma tradição de raízes podres, cheios de sonhos de feudalismo e de recordações brasonadas.

Faulkner soube dar-nos toda esta derrocada com uma profissão de caracteres e uma riqueza de acção sem par na literatura contemporânea.

Vemos os seus personagens agindo nas mais diversas situações, eivados do ambiente social, e reconhecemos neles a marca da educação: esta é uma das características das figuras do Yoknapatawpha County. Popeye, filho de um fura-greves, de pais tarados pela sífilis, acaba por nos aparecer em «Sanctuary» como um impotente recalcado. Ele e Januarius Jones, tal como a maioria dos canalhas de Faulkner, passaram a infância em asilos, onde a inclemência religiosa e o sistema pedagógico baseado na distinção racista, criaram complexos que jamais se apagarão.

Estes, os fanáticos histéricos, a juventude rebelde, agitam-se num mar tempestuoso de almas e de dramas. Dramas individuais, é verdade, mas de razão colectiva — o egoísmo que se exacerba até à morte, a evasão pela fuga, pelo saudosismo e pelo supernatural, o contrabando do álcool, enfim, uma avalanche desvairada de circunstâncias reveladora de um padrão moral de escala anormal, mas que é, ao fim e ao cabo, o aniquilamento de uma sociedade em que as tradições se firmaram em toda a extensão dos seus valores.

Avassalados a esta desgraça, psicologicamente descontrolados, os homens de Faulkner, agarram-se desesperadamente aos laços ténues que ainda os podem ligar a uma vida colectiva. Mas fazem-no numa base demasiado momentânea e individual para que vinguem.

E essa ânsia de calor humano absorve-os e domina-os sob as mais variadas facetas: o coronel Stupen, p. ex., procura um nome, uma família a quem se agarre; Hightower, o pastor protestante, balouça-se numa cadeira desviando os olhos da vida que o cerca; outros bebem, roubam para gastarem loucamente; Lena em «Light in August» arrasta-se pelos estados do Sul em busca do homem que a seduziu e nela não há ódio, mas sòmente necessidade de companhia e uma admirável esperança.

Malcolm Cowley, referindo-se a este aspecto da obra de Faulkner, diz (1):
«...in other words he (Popeye) was the compendium of all the hateful qualities that Faulkner assigns to finance the capitalism».

(1) Introdução ao *Vicking Portable* de William Faulkner.

E são ainda do mesmo ensaísta estas palavras:

«Fale-me do Sul», dizia o perfeito de Quentin Compson na Universidade de Harvard, que gostava de conhecer essa tal região desconhecida tão longe de Ohio. «Que terra é essa?», perguntava ele. «De que vive o povo? Como vive? Para que vive enfim essa gente?»

E Quentin, que era de uma região parecida com a de Faulkner e que às vezes parecia o próprio Faulkner a falar, — respondeu: «O senhor não pode compreender. Só se lá tivesse nascido é que poderia compreender aquela gente».

Mesmo para nós, europeus, não me parece que isso seja tão difícil de admitir. A menos que dos E. U. tenha saído uma tão notável pleiade de trapaceiros, tão concordantes e tão bem ensaiados de modo a conduzirem-nos a uma só solução, como os geniais *southern*s deste século, entre os quais Faulkner e Caldwell.

Com estas notas apenas se procurou chamar a atenção para Faulkner no que ele representa de intérprete da vida dos estados do Sul da América do Norte de modo algum um conspecto da sua obra; isso além de moroso, não visava o fim em vista.

Que me desculpe o leitor precavido contra esta literatura exótica e de importação, o tal que tanto no *Tobacco Road* como no *Sanctuary*, vê meras especulações de sexo e de histerismo.

II

Estes dois lados de Faulkner — a miragem sexual e a teia psicanalítica que justifica em parte a atitude dos seus personagens — têm servido de estandarte a certos críticos insidiosos.

Por isto até, nada mais difícil a um jacobino do individualismo como este, pessoalíssimo desde o estilo em que escreve a certas atitudes de homem público — nada mais difícil do que manter uma posição honesta perante a vida; quer dizer, uma posição de integridade mas isolacionista. E deste modo criou também Faulkner uma discutível mas sincera atitude perante a sociedade. Ele, como Balzac, não se negou às grandes verdades do seu tempo a ponto de não opor ao natural desenvolvimento dos dramas o forte convencionalismo das ideias. No que isso custou a Balzac em prejuízo do seu sentimento monárquico, no outro é o individualismo que se compromete subjugando-se ao enquadramento social implícito nos dramas da sua gente.

Só por isto era mais que justa a glorificação de William Faulkner.

Longe das definições ecléticas que se esforçam por repartir convenientemente as verdades históricas, Faulkner não recuou a submeter-se à circunstância social. Ao contrário dos paladinos da liberdade de efeito imediato e momentâneo, soube conservar uma independência sem se individuar com a verdade tal como a compreendia.

Neste perigoso terreno resvalaram já os Cassou, Koestler, Malraux e os Silone, mentores agora citados da independência incompromissa. E regosijemo-nos que, pelo menos desta vez, não lhes tenha sido concedido o Nobel da Literatura.

Tratando-se, como se trata, de um prémio não totalmente alheio a conversações de chancelaria, e parecendo de todo indicados os Estados Unidos, a Inglaterra ou a Alemanha Ocidental, mais razões nos assistem para celebrar a vitória de Faulkner.

Por razões óbvias não seria Maltz, Mc Coy, Fast ou Miller o contemplado. Mas ainda haveria Dos Passos, ou o inconsequente Steinbeck dos temas pícaros e anodinos e o grande Hemingway de ideologia tão fruste e de capacidade imaginativa em vias de esgotamento como se pode ver pelo seu «Across the River and into the Trees». Qualquer destes teria representação, cartaz suficiente para merecer o prémio Nobel a contento dos tais paladinos da liberdade pessoalíssima e intransigente. Isto para não falar desse *cocktail maker* de Saroyan nem do camisa de prata Ezra Pound...